



FICÇÃO E HISTÓRIA: SHERAZADE REPRESENTADA POR UMA MULHER

Aline Morales Moreti Cavalcante¹

Este trabalho apresenta notas iniciais de minha pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo PPGH/UFGD que tem como objeto de estudo a representação da mulher nos contos das “Mil e Uma Noites” publicados no Brasil, em especial a versão da escritora Nélide Pinõn.

Os contos das “Mil e uma Noites” foram compilados a partir do século X e apropriados pelos árabes entre os séculos XI-XVII. Não é possível atribuir a autoria do conto original a nenhum autor específico, também não é possível determinar a data precisa de sua primeira publicação. De acordo com Wajnberg², as “Mil e Uma Noites” é uma obra compilada de dupla natureza: oral e escrita dificultando assim determinar seu autor.

Também são fontes de controvérsias as histórias que fazem parte do conto, pois a apropriação do texto pelos árabes coincidiu com a crise moral e política do Islã no país. Há entorno deste debate a crença de que a obra em algum momento foi adaptada para o universo islâmico tendo como pano de fundo o texto corânico³.

A primeira tradução das “Mil e uma Noites” para o Ocidente foi feita por Antoine Galland na França em 1704. Sequencialmente as traduções mais conceituadas e de grande sucesso seguem com o inglês Jonathan Scott em 1811, Von Hammer Purgstall em alemão no ano de 1823, Henry Torrens, publicou em inglês no ano de 1838, Jamel Eddine Benchikh e André Miquel em francês, em 1991.

Na tradução de Antoine Galland, observou-se depois de algum tempo, que o tradutor havia feito várias emendas para adaptá-la a sociedade francesa conservadora da época e assim excluiu tudo que lhe parecia lascivo ou chocante para a época. Em 1885 quando Richard Burton publicou a tradução em inglês destacou exatamente o erotismo no conto e a violência presente no texto árabe.

A partir destes dados, ainda incipientes, abrem-se os olhos para as transformações que o texto original vem sofrendo ao longo do tempo deixando claro que a representação da mulher no conto sofreu alterações também.

¹ Mestranda em História na UFGD, sob orientação do professor Dr. Losandro Tedeschi, contato alinemoralesmoreti@hotmail.com

² WAJNBERG, Daisy. *Jardim de Arabescos: uma leitura das Mil e Uma Noites*. Rio de Janeiro: Imago Ed.: São Paulo: FAPESP, 1997, p 70.

³ WAJNBERG, Daisy. *Jardim de Arabescos: uma leitura das Mil e Uma Noites*. Rio de Janeiro: Imago Ed.: São Paulo: FAPESP, 1997.



Em 2004, no Brasil, Nélide Pinõn, publicou “Vozes do deserto”, uma releitura dos “Contos das Mil e Uma Noites”. A escritora que tem obras reconhecidas internacionalmente (Prêmio Príncipe de Astúrias das letras, Espanha, 2005), membro da Academia Brasileira de Letras, foi a primeira mulher a reescrever a obra no Brasil, privilegiando a participação das mulheres nos contos.

A análise desta nova abordagem de Pinõn suscitou descobertas sobre a representação das mulheres nos contos, principalmente a de “Sherazade” ora tão apagada em outras publicações. A construção do texto de Pinõn é uma análise constante dos sentimentos das personagens, principalmente das mulheres do conto. Passamos a conhecer a irmã Dinazarda, a serviçal Jasmine, a ama de leite “Fátima” outrora ausentes das outras traduções. Fica claro que o universo feminino é valorizado por Pinõn uma vez que a própria escritora é a narradora do conto.

Durante muito tempo o gênero masculino dominou as narrativas literárias e históricas. Foi com a ascensão do grupo dos *Annales* na década de 1920, representado por Marc Bloch e Lucien Febvre que houve uma abertura para a história do cotidiano em contraposição à história dos grandes homens e das grandes batalhas privilegiadas pela chamada *historiografia tradicional*. “... À medida que a tradição historiográfica dos *Annales* propunha ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns, ela contribuiu para que as mulheres, posteriormente, fossem incorporadas à historiografia...”⁴

Foi também com a popularização da “Nova História Cultural” na década de 1980, que estudos mais abrangentes sobre as representações, mitos, culturas, crenças, religiões e outros se propagaram. Para Pesavento, esta nova abordagem veio para tentar explicar o que o cientificismo não tinha conseguido até então.⁵ A “Nova História Cultural” proporcionou maior interesse pelos objetos de estudo e ampliaram-se as possibilidades tornando a escrita da História aberta ao estudo de novas categorias dentre elas a representação e o imaginário.

Com a História Cultural os acontecimentos, os sujeitos e os objetos passam a ser analisados a partir do presente. O discurso de quem narra é trazido para o centro da análise na perspectiva de entender a fontes. A Literatura passa então a ser uma aliada para se compreender as representações e os fatos narrados na História.

⁴ SOIEHT, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p. 181-300, p. 284.

⁵ PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995, p. 9-27, p.13.



Toma corpo então o estudo sobre as mulheres, que durante muito foi representada na Literatura e na História a partir do olhar masculino que se apoderou das narrativas e estigmatizou a mulher como louca, devassa, vítima, mãe zelosa, etc.

De acordo com Soihet, o movimento feminista que se desencadeou na década de 1960 nos EUA impulsionou o estudo da História das Mulheres.⁶ As feministas e estudiosas consideraram que as mulheres haviam sido desconsideradas na escrita da História presente na historiografia de até então.

Em 1970, percebe-se um avanço nas publicações acerca das mulheres apesar de todos os problemas encontrados na pesquisa das fontes que eram fragmentadas e obscuras. A História das mulheres surgiu para rever a parcialidade na qual a história foi escrita e para não cometer os mesmos deslizes da história masculina, o objetivo da História das Mulheres é abordar novos sujeitos na análise histórica até então desconsiderados nas narrativas.

Surge então depois de algumas críticas a respeito desta nova construção da História das Mulheres o conceito de gênero. Este conceito tornou-se uma categoria de análise para considerar e incluir homens e mulheres nas suas respectivas individualidades. Para Scott, o uso do conceito de gênero visa designar a igualdade das relações sociais entre os sexos. “... O uso do termo “gênero” coloca a ênfase sobre todo o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade”.⁷

Muitos debates surgiram na tentativa de elucidar esta nova categoria de análise. No Brasil, o conceito ganhou força a partir de 1990 quando novas abordagens já passam a complementar a escrita da História das Mulheres que aqui já se organizava desde a década de 1970. O fato é que a história recente deste conceito já produziu bons frutos e hoje já é possível falar de gênero no sentido da pluralidade dos indivíduos acima do sexo.

A partir destes estudos pode-se então verificar que a representação das mulheres nas narrativas masculinas produziu significados e sentidos que reforçou sua dominação, submissão, diferença sexual.

Roger Chartier aborda a incorporação das representações pelo universo feminino da seguinte maneira:

... A construção da identidade feminina enraíza-se na interiorização, pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos. Um objeto maior da história das mulheres é, pois, o estudo dos dispositivos,

⁶ SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (ORGS.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, 1997. p. 401.

⁷ SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990. p. 3.



desenvolvidos sob múltiplos registros, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consistam nas representações dominantes da diferença entre sexo: a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sexuais, a divisão de tarefas e dos espaços, a exclusão da esfera pública, etc...⁸

A identidade feminina foi manipulada pelo discurso do patriarcado que impôs divisões de papéis, a exclusão do espaço público, reforçou a diferença sexual e fez com que as mulheres tomassem este discurso como “verdadeiro” reforçando estas representações. Para Chartier (1993, p. 41) a violência simbólica pode nos ajudar a compreender toda dominação imposta às mulheres e como ela é historicamente e culturalmente construída e linguisticamente reafirmada.

... É desta forma que a divisão do trabalho segundo os sexos na época da Revolução Industrial é “produzida” por todos os discursos – da economia política, das legislações estatais, das exigências dos empregadores, das reivindicações sindicais – que enraízam numa diferença de natureza a oposição entre atividade doméstica e assalariada, entre função reprodutora e trabalho produtivo, entre lar e fábrica...⁹

Com a análise de textos literários e históricos também é possível compreender como o universo feminino ressignificou todas estas representações ao longo do tempo. Nos contos das “Mil e Uma Noites” traduzidos e publicados antes de Nélide Pinõn, o final sempre se definia quando Sherazade casava-se definitivamente com o Califa e era feliz para sempre ou tinha sua morte decretada.

O final apresentado por Pinõn surpreende se comparado aos anteriores porque Sherazade foge em uma caravana ajudada por sua irmã e seu pai. É impressa em uma situação extremamente oposta aos desfechos dos tradutores deixando para trás a representação de mulher que se tinha construído por séculos. “... E tão rápido deu-se tudo que já no início da tarde haviam se distanciado de Bagdá, sem Sherazade olhar para trás uma única vez a pretexto de guardar na retina as muralhas da cidade...”¹⁰

Frequentemente a mulher esteve limitada no espaço público cabendo a ela os serviços ligados ao lar, a criação de animais, a reprodução, a educação dos filhos. Quando Pinõn expõe Sherazade ao mundo contribui para o rompimento do ciclo de representações repressoras nas quais as mulheres eram impressas no final dos contos escritos pelo universo masculino. A fuga é vista como uma possibilidade de ser feliz. Sherazade finalmente sozinha, livre, dona de seus atos. É a ruptura da representação até então construída por todos os escritores do conto. A abertura para a autonomia da mulher criando sua própria história liberta das amarras da religião e do patriarcado, do casamento indesejado e do espaço privado.

⁸ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002. p. 95.

⁹ CHARTIER, Roger. Diferenças entre sexos e a dominação simbólica. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 4, 1995, p. 37-47. p. 43.

¹⁰ PINÕN, Nélide. *Vozes do Deserto*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2004. p. 350.



As representações são incorporadas pelo coletivo e acabam orientando os discursos e as relações sociais. Fato é que o modo de representar a mulher no conto foi primeiramente a visão impressa pela doutrina mulçumana. Por ora, sem adentrar em detalhes muito específicos, sabe-se que o discurso moral da doutrina mulçumana submete à mulher à dominação masculina, seja a do pai ou a do marido.

Esta doutrina religiosa cheia de privações tolheu por muito tempo o pensamento das mulheres orientais que sofreram e ainda sofrem com a violência imposta pela dominação masculina, isso é válido ao menos para uma parcela dessas mulheres, já que não se pode desconsiderar que uma parte destas mulheres, imergidas na religião islâmica, podem estar de pleno acordo com sua doutrina, incluindo as determinações de submissão feminina.

Sobre a violência sofrida por estas mulheres escreveu Ayaan Hirsi Ali em sua autobiografia na qual declarou as práticas violentas do Islamismo.

Há a mulher açoitada por ter cometido adultério; outra entregue em matrimônio a um homem que ela detesta; outra espancada regularmente pelo marido; e outra que o pai repudia ao saber que o irmão dela a estuprou. Os perpetradores justificam cada abuso em nome de Deus, citando os versículos do “Alcorão” agora escritos nos corpos destas mulheres.¹¹

Este relato explica em parte as primeiras representações do conto, o modo como a mulher foi impressa nas primeiras versões e que conseqüentemente foi sendo incorporada pelos tradutores ao longo do tempo. Quando o conto é inserido na cultura ocidental estes valores religiosos não são modificados porque se incorporam ao discurso da doutrina cristã que também prega a submissão da mulher usando a “Virgem Maria” como pano de fundo.

A religião reafirma, institui a dominação masculina com o discurso dos dominantes sobre os dominados utilizando mitos para manter o poder. “... A religião judaico-cristã, como a mulçumana, instaura importantes mitos sobre as mulheres: o tabu da virgindade e do silêncio, simbolizados na lei do véu imposta por algumas religiões...”¹²

A religião moldada para garantir a dominação masculina sem dúvida pesou sobre a vida das mulheres por muito tempo. O comportamento feminino foi sempre muito regulado pelas representações criadas pelas religiões que reforçaram sobretudo a diferença sexual e a divisão de papéis. De acordo com Tedeschi:

¹¹ ALI, Ayaan Hirsi. *Infiel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p 14.

¹² TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das Mulheres e as Representações do Feminino*. Campinas: Editora Nимуendaju, 2008. p. 73.



... Desde a construção judaico-cristã e filosófica sobre o corpo da mulher, o nascimento biológico expressa um símbolo, uma representação de tudo aquilo que torna a mulher um ser incapaz de entrar na sociedade, no espaço público, e de se transformar em um indivíduo civil, ou seja, numa cidadã...¹³

Outro ponto que merece uma análise mais cuidadosa é a influência que o imaginário social pode ter exercido nas reescritas dos contos das “Mil e Uma Noites” no qual incluo também a obra de Pinõn. Cada época, cada cultura reproduz o imaginário social de diferentes maneiras. É desta forma que as coletividades formam suas identidades, estabelecem as divisões de papéis, exprimem suas crenças e valores. O imaginário social é definido por Pesavento da seguinte maneira: “o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade”.¹⁴

As experiências particulares, o modo de viver interfere na construção do imaginário social que tem como papel reverter estas práticas em padrões coletivos de vida que podem ser internalizadas por um grupo ou não. Contudo, também deve se pensar que o imaginário social pode ser manipulado por discursos de poder na tentativa de controlá-lo. Visando garantir um lugar privilegiado no domínio dos imaginários sociais, alguns grupos constroem mecanismos de proteção destes imaginários que se dá muitas vezes pelo símbolo.

Na trajetória de todas as publicações dos contos percebe-se um reforço em retratar a personagem principal como obediente e submissa aos desejos do Califa. Esta posição adotada na exposição de Sherazade nos faz concluir que por muito tempo a mulher foi incorporada no imaginário social, tolhida de sua autonomia e subordinada às ordens do universo masculino. Logo, cabe aqui uma questão: como o imaginário social influenciou a forma pela qual Sherazade foi retratada nos contos de Pinõn e dos outros tradutores?

Para tentar responder esta questão compartilho a idéia de Biersack “... Neste sentido, tentar reconstruir o real é reimaginar o imaginado, e caberia indagar se os historiadores, no seu resgate do passado, podem chegar a algo que não seja uma representação...”¹⁵

Na releitura de Pinõn, a narradora que é a própria escritora, subverte este “sentido” atribuído a Sherazade nas outras publicações, rompe-se com o imaginário social coletivo a partir do momento em que Sherazade é impressa com autonomia, e não só ela, mas as outras mulheres do conto também.

¹³ TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das Mulheres e as Representações do Feminino*. Campinas: Editora Nímuendaju, 2008. p. 113-114.

¹⁴ PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995, p. 9-27, p.15.

¹⁵ BIERSACH *Apud* PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995, p. 9-27, p.17.



Tal como o título sugere, “Vozes do Deserto”, é impresso a partir de uma visão já renovada sobre a condição da mulher. É perceptível na nova publicação das “Mil e Uma Noites” a influência dos movimentos feministas e dos estudos sobre a história das mulheres em prol da igualdade de gênero modificando o imaginário social.

A obra publicada em 2004 por Pinõn, já carrega em sua impressão todos estes novos paradigmas do que é ser mulher hoje na nossa sociedade. Fica visível que o imaginário social também sofreu mudanças ao longo de todo este processo de uma nova abordagem da mulher na História e na Literatura.

A nova Sherazade narrada por Pinõn, já não carrega tão excessivamente o peso da mulher dominada. Apesar de não modificar o enredo principal do conto a autora abordou as mulheres imersas em uma nova perspectiva. A irmã, a criada e as outras mulheres agora surgem com voz e vez na narrativa. Cada uma delas, Jasmine, Dinazade, Fátima e outras sonham, opinam e circulam nos espaços públicos. As conversas entre elas são compartilhadas com o leitor que passam a conhecer cada uma delas com mais detalhes.

Mesmo colocando Sherazade na posição de sacrifício como todos os outros tradutores fizeram, Pinõn consegue revelar com sutileza que a personagem avançou no tempo. Articulando em quase todos os momentos como se livrar da morte a personagem exibe um raciocínio calculado, manipulando o poder que exercia sobre as histórias que contava ao Califa.

A crueldade do Califa resplandecia aos olhos de Sherazade. Ainda assim não atendia ao conselho de Dinazarda, que lhe pregava agir de forma a que ele se enamorasse dela. Sua meta consistia em extrair-lhe o sossego mediante emoções contraditórias, em deslocá-lo do sexo para as palavras, em impingir-lhe a lenta agonia advinda da sua manha narrativa¹⁶.

Não só privilegiando o universo feminino que a autora reescreve a obra narra também o psicológico do califa outrora ignorado. O soberano que era descrito como temido e impiedoso agora é impresso como um homem comum com seus medos e problemas. Pinõn privilegiou os conflitos psicológicos do califa que se davam pela indecisão sobre a morte de Sherazade e a traição da antiga esposa.

O desafio de entender como as mulheres foram representadas nos contos das “Mil e Uma Noites” esta apenas começando, pois há muito em que se avançar na análise das fontes históricas para obter um entendimento mais amplo de como o gênero feminino foi moldado nas traduções. Como a ruptura destas representações dadas pelo universo masculino são desfeitas a partir da

¹⁶ PINÓN. Nélica. *Vozes do Deserto*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2004. p. 43.



publicação da releitura de Nélia Pinõn, faz-se necessário um estudo mais aprofundado da obra “Vozes do Deserto” por ela escrita.

A narrativa do conto por Pinõn confere a obra uma visão não sexista, é a produção literária dando visibilidade ao gênero, desprovida de preconceitos e proporcionando igualdade na relação das personagens.

Com o avançar das leituras já foi possível compreender que a história do conto sofreu muitas mudanças pelos escritores que se apropriaram dos textos ao longo dos tempos. A articulação do conto de acordo com os interesses da religião, da dominação masculina, já é perceptível nesta primeira análise.

A representação impressa sobre as mulheres do conto esclarece também como as coletividades acabam por reforçar as estratégias de dominação masculina e acabam por perpetuar valores que podemos observar até hoje em nossa sociedade.

A diferença sexual atuou como fator determinante na vida das mulheres que foram “naturalizadas” com o papel da maternidade e domesticidade. Todo o discurso de que a mulher se fazia necessária no lar e no cuidado dos filhos apartou-a dos direitos igualitários e desta forma o homem conquistou primeiramente uma posição de destaque no espaço público.

Para se compreender a representação de Sherazade também se faz necessário adentrar na História das Mulheres. Foi com a análise dos papéis desenvolvidos pelas mulheres: boa esposa, da mãe dedicada, da feiticeira, da sedutora, da histérica e outras que foi possível constituir a participação do gênero feminino na História.

Sem dúvida que a análise das representações de Sherazade associadas ao imaginário social também enriquecerá o estudo sobre a História das Mulheres. Pretende-se ainda fazer uso da perspectiva histórica para relacionar as traduções com a trajetória do movimento feminista visando desta forma encontrar mais subsídios que fundamentem a análise das representações e imaginário social inscritos nos contos.

A forma na qual se imprime o passado molda a nossa compreensão no presente. Por isso, considero que as análises dos textos literários e históricos são uma maneira de entender o processo de luta, preconceito, alienação, discriminação pelo qual as mulheres enfrentaram e enfrentam até os dias de hoje.



Bibliografia

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

_____. Diferenças entre sexos e a dominação simbólica. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 4, 1995, p. 37-47.

PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995, p. 9-27.

PIÑON, Nélide. *Vozes do Deserto*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2004.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (ORGS.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, 1997. p. 401.

SOIEHT, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p. 181-300, p. 284.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das Mulheres e as Representações do Feminino*. Campinas: Editora Nímuendaju, 2008

WAJNBERG, Daisy. *Jardim de Arabescos: uma leitura das Mil e Uma Noites*. Rio de Janeiro: Imago Ed.: São Paulo: FAPESP, 1997.